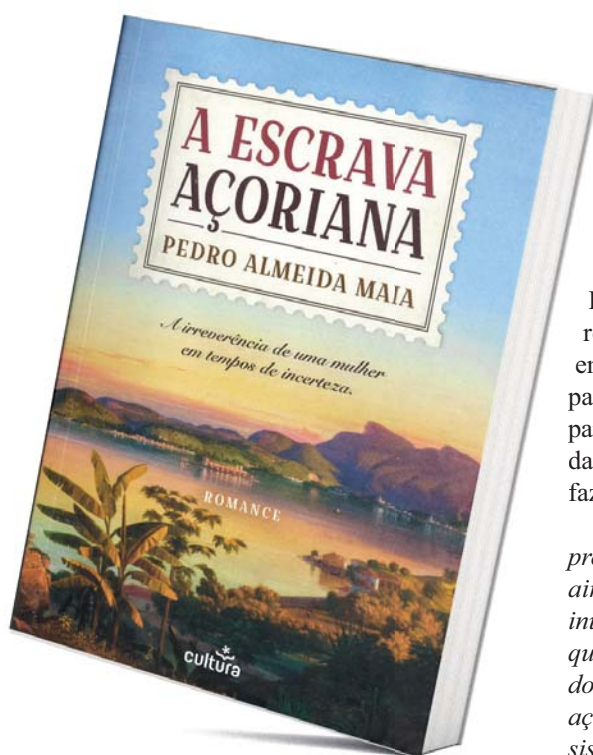




# A Escrava Açoriana



“A irreverência de uma mulher em tempos de incerteza”. Esta, realmente, a melhor frase para caracterizar e definir o âmago deste romance de Pedro Almeida Maia, (Edição Cultura) que veio para marcar a literatura e ficção nos Açores, neste ano 2022.

Foi apresentado em Ponta Delgada, no passado dia 29 de Junho, pela Professora Susana Goulart Costa e foi também minha companhia nas últimas duas semanas pois, desde que comecei a lê-lo, senti que algo de diferente me esperava, na medida em que, conhecendo bem o seu autor e meu Amigo, Pedro Almeida Maia, nele vejo sempre uma forma diferente de comunicar, um jeito novo de abordar os assuntos e um contínuo amadurecimento literário que vai fazendo de cada um dos seus romances um degrau importante de afirmação pessoal e universal.

Desta feita, Pedro Almeida Maia leva-nos a uma viagem entre os Açores e o Brasil, no último quartel do século XIX e no dealbar do século XX. Com a mesma mestria em tratar as questões sociais emergentes em cada época coincidente com as suas narrativas ficcionadas, como já havíamos tido ocasião de verificar em “Ilha-América”, o autor delicia-nos com uma escrita em que o romance se encadeia com a história, de tal forma que cada passo dos e das personagens está ao serviço de uma contínua e profunda investigação, para mim um cunho muito especial deste autor açoriano.

Rosário é mais que um nome. Rosário é uma incarnação de lugares e tempos, vítima de prepotências, algumas selváticas e hediondas, mas heroína de querer, desde a ilusão sonhada

de fugir da miséria de um casebre lá para os lados do *Estradinho*, até ao sonho do regresso, nova fuga à outra escravidão, para vir encontrar quase o mesmo que havia deixado anos antes.

Marcou-me profundamente a forma como Pedro Almeida Maia assume a narração do romance, sempre na terceira pessoa, até que, em determinado momento – não vou dizer qual para deixar ao leitor este gosto literário – passa para uma narrativa em primeira pessoa, pela voz da filha da nossa heroína escrava que assim lhe faz tributo e memória.

Diz Almeida Maia que este romance “*não pretende ser o relato de uma história verdadeira, ainda que o pudesse ser. Rosário incorpora inúmeras narrativas autênticas daquele tempo, que se podem encontrar em arquivos históricos, documentários e artigos. A escravatura branca açoriana foi uma dura realidade e ainda persiste na memória colectiva*”. E é verdade! Os contornos de como eram arregimentados e arrematados os lugares clandestinos nos porões dos navios (o “*Lidador*” é um grande exemplo desse inferno), a forma como os senhores das cidades e das fazendas arranjavam meio de contornar e perpetuar a escravatura que acabara de ser abolida, e por cá, a forma como se via a emigração como meio de ir aliviando números de fome e miséria, tudo isto pode parecer chocante nos dias de hoje, em que muitas outras escravidões de todas as cores ainda vivem ao nosso lado, mas a crueza com que aqui neste livro o tema é abordado, faz-nos atravessar séculos como mar sem praia nos destinos da esperada igualdade, na dignidade de género, de trabalho e até de crença e religiosidade.

Lélia Nunes, escritora brasileira, de Santa Catarina, com raízes açorianas que não cansa de exaltar, estudando e divulgando esses quase três séculos de presença açoriana em terras de Vera Cruz, considera que este é “*um romance incrível, tendo por cenário, a Ilha de São Miguel e o Brasil. A narrativa é de grande beleza por sua escrita eskorreita, ágil e com movimentos crescentes. O emigrar, a travessia. a desumanidade, o trabalho escravo sem nunca vergar, o retorno. Sempre um contínuo crescer e construir-se. A arquitetura de uma mulher liberta de todas as amarras*”.

De como se roubava uma galinha para amortizar nas rendas atrasadas, de como se pontapeava um atrevido, até a ter visto “*destruída a decência que ainda lhe restava como mulher*”, Rosário é um libelo acusatório e ao mesmo tempo uma sentença que se cumpre na coragem do regresso. Homenagem a tantos e tantas que deixaram os sonhos sepultados em terra de ninguém.

E para quem gosta de história, a forma como Almeida Maia nos leva ao tempo em que nascia a primeira Autonomia, em 1895. “*Muitos dizem que foi naquele momento que se dividiram os Açores*” (pag 183), ou nos fala da visita régia, Rosário a gritar perante o séquito real “*Abaixo a monarquia*” (pag 188), não esquecendo os tempos sombrios da Grande Guerra – bela descrição da demolição da ermida da Mãe de Deus – e os terríveis efeitos da “*espanhola*”, tudo isto embrinha o leitor naqueles mistérios da “*fome, peste e guerra*” que dão um grande peso histórico a este romance e confirmam o que Vamberto Freitas com propriedade escreve sobre Almeida Maia: “*Está ele ao lado dos nossos melhores escritores, e nunca só dos Açores*”.

*mecida*”.

Tenho de confessar aqui, em grato reconhecimento, a honra que me é dada de duas citações minhas, na contracapa do livro, imerecidamente ao lado de nomes como Miguel Real, Onésimo Almeida, Telmo Nunes ou Ermelindo Peixoto, mas de facto “*a força da escrita de Pedro Almeida Maia reside aqui mesmo, nesta sede de infinito que mora na mensagem que nos deixa, com a ilha a ser universo que busca um universo que seja ilha*”.

Numa entrevista concedida ao Açoriano Oriental, esta semana, Almeida Maia diz que “*o meu objectivo principal continua a ser contar histórias*”. Respeito a humildade do autor, mas creio que já está a milhas de distân-



Há quase dez anos, era 2013, Pedro Almeida Maia deu-me a honra de apresentar o seu segundo romance, “*Capítulo 41 – A Redescoberta da Atlântida*”. E nessa altura eu afirmei que “*para quem ainda faz da literatura açoriana uma ideia de mar, basalto e gaivotas, ausências e saudades, desengane-se porque com este autor há universos inteiros para explorar, há viagens para fazer e mistérios para desvendar*”.

Não me enganei e a verdade é que este “*A Escrava Açoriana*” é um marco de ouro a assinalar os dez anos de vida literária de Pedro Almeida e Maia, ele que há uma década dizia que “*para mim a escrita era uma paixão ador-*

cia desse patamar, pois a sua escrita e os seus argumentos literários penetram bem fundo na senda da intervenção e da afirmação identitária pessoal e colectiva que faz dos seus romances obras de referência com substrato social muito profundo.

Só desejo que quem ler este “*A Escrava Açoriana*” possa comungar desta minha humilde, mas sincera opinião: um grande romance que sendo açoriano, simplesmente não tem fronteiras!

Santos Narciso  
Foto: Paulo Goulart